

Reflexões acerca da (re/des)metaforização do texto traduzido a partir de um estudo de caso

Igor Antônio Lourenço da Silva¹ (Universidade Federal de Minas Gerais, LETRA)

Adriana Silvina Pagano² (Universidade Federal de Minas Gerais, LETRA)

Maria Luisa de Oliveira³ (Universidade Federal de Minas Gerais, LETRA)

Kelen Cristina Sant'Anna de Lima (Universidade Federal de Minas Gerais, LETRA)

ABSTRACT: This paper draws on the concept of grammatical metaphor within systemic functional grammar (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, 2004) and the hypothesis of (re/de)metaphorization (STEINER, 2001a; HANSEN, 2003) in order to examine clause complexes of two source texts and their respective target texts translated by an expert researcher in medicine under experimental conditions. The results show that in keeping with prototypical features of academic registers in English the target texts produced are highly metaphorical, their production in English nonetheless involving processes of (re/de)metaphorization that are traceable through the comparison between realizations in source and target texts and through attempted, implemented or discarded choices during the target text production. (De)metaphorization was found to be related to both discourse and domain knowledge which the subject relies on in order to produce target texts meeting prototypical features of academic registers.

KEYWORDS: translation process; (re/de)metaphorization; durability; academic registers.

1. Introdução

Pautado no conceito de metáfora gramatical da Gramática Sistêmico-Funcional (GSF), Steiner (2001a) afirma que a compreensão do tradutor leva à codificação de eventos presentes no texto de partida (TP) por meio de diferentes categorias gramaticais que são retextualizadas no texto de chegada (TC). Esse processo de compreensão envolve, segundo o autor, a desmetaforização do TP; contudo, ao produzir o TC, o tradutor não é capaz de remetaforizar nos moldes do TP. Partindo do pressuposto da tradução como uma “produção guiada de significado” (HALLIDAY, 1992, p. 15), este trabalho toma o conceito de metáfora gramatical desenvolvido pela GSF (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, 2004) e a hipótese de (re/des)metaforização (STEINER, 2001a; HANSEN, 2003) para abordar a produção textual durante a realização de tarefas tradutórias.

Os textos analisados neste trabalho foram coletados no âmbito de um experimento realizado no LETRA (Laboratório Experimental de Tradução), ao qual esta pesquisa se vincula, que teve por objetivo examinar o impacto do conhecimento de domínio (SCARDAMALIA; BE-REITER, 1991) na realização de tarefas tradutórias de quatro pesquisadores brasileiros da área da medicina que costumam realizar a tradução dos próprios textos para o inglês para efeitos de publicação em periódicos internacionais indexados. Em sua análise dos dados coletados, Silva e Pagano (2007) apontaram o destaque de S3, um dos quatro sujeitos do experimento, em razão do alto grau de durabilidade de suas tarefas (ALVES; GONÇALVES, 2007), aferido com base em aspectos do processo tradutório e características do TC.

1 Bolsista de doutorado da CAPES.

2 Bolsista de Produtividade em Pesquisa – CNPq.

3 Bolsista de mestrado do CNPq.

As análises deste artigo visam examinar como S3, um pesquisador experiente, executa uma tarefa tradutória e, já na fase de redação (JAKOBSEN, 2002) do processo tradutório, gera um TC com substancial grau de *durabilidade* e configuração de metaforicidade que atende às características do tipo de texto e de registro demandado pela tarefa. Parte-se do pressuposto de que o *conhecimento discursivo* (SCARDAMALIA; BEREITER, 1991), juntamente com o *conhecimento de domínio*, operacionaliza movimentos de metaforização, remetaforização e desmetaforização que podem ser mapeados, não só no estabelecimento de correspondências nos TPs e TCs, mas também nas escolhas ensaiadas, implementadas ou descartadas ao longo do processo de geração do TC. Indaga-se, portanto, em que sentido é possível correlacionar instâncias de (re/des)metaforização com tomada de decisão ao longo do processo tradutório.

2. Revisão da literatura

Consoante Steiner (2001a), dentre os fatores que intervêm na configuração de propriedades prototípicas de textos traduzidos, verifica-se que a compreensão do tradutor, durante o processo tradutório, leva à codificação de eventos presentes no TP por meio de diferentes categorias gramaticais no TC. Para Steiner (2001a), a compreensão consiste em relacionar unidades gramaticais significativas a alguma de suas variantes menos metafóricas de modo a explicitar, com base em conhecimento co-textual e contextual, significados implícitos no TP. Devido a esse processo de desmetaforização, que, geralmente, pode envolver razões contrastivo-tipológicas ou simplesmente fadiga do tradutor, o TC nem sempre é imbuído de metaforização gramatical no mesmo nível do TP. Assim sendo, Steiner (2001b) propõe o estudo da (re/des)metaforização como um processo básico que se aplica em termos tanto interlingüísticos como em termos intralingüísticos. Sua preocupação principal são os casos de metaforicidade gramatical que envolvem realocação na ordem entre a semântica e a gramática.

Hansen (2003) desenvolve um experimento visando observar o processo tradutório e correlacionar seus resultados com dados extraídos de um corpus de originais e textos traduzidos (produto tradutório). A autora utiliza três categorias de análise: *metaforização*, quando uma expressão do TC mais metafórica que a equivalente no TP; *desmetaforização*, quando a expressão do TP é mais metafórica que a equivalente no TC; e *remetaforização*, quando uma expressão do TC com grau de metaforicidade análogo à sua equivalente no TP. Os resultados de Hansen (2003) mostram que a desmetaforização é mais freqüente que a metaforização, mas a re-metaforização ocorre com maior freqüência que aquelas duas outras operações.

Para compreendermos os achados de Steiner e Hansen, é importante retomar, no escopo da GSF (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 639), o conceito de metáfora gramatical, mais especificamente metáfora ideacional, foco deste artigo:

um ‘realinhamento’ entre seqüências, figuras e elementos na semântica e nexos oracionais, orações e grupos na gramática. No modo congruente de realização [...], uma seqüência é realizada por um nexos oracional e uma figura é realizada por uma oração. No modo metafórico, todo o conjunto de mapeamentos parece

ser reduzido na ordem, de modo que uma seqüência é realizada por uma oração, uma figura é realizada por um grupo e um elemento é realizado por uma palavra. (Tradução dos autores).

É mister lembrar, como apontam Halliday e Matthiessen (1999, 2004) e reitera Steiner (2004), que a distinção entre formas “congruentes” e realizações “metafóricas” não é facilmente estabelecida. Em outras palavras, o que é possível estabelecer, dadas duas realizações ou a partir do estabelecimento de formas agnatas, são realizações mais ou menos metafóricas encontradas em um dado registro. Além disso, Steiner (2004) aponta que os movimentos de (re/des)metaforização são complementares e relacionados à tipologia lingüística. Isso implica que, em razão de diferenças tipológicas entre as línguas de trabalho, existe a necessidade de se metaforizar algumas partes de um texto, para que se possa desmetaforizar outras, e vice-versa. Assim sendo, o aumento no grau de metaforicidade em um dado momento contribui para contrabalancear a metaforicidade da construção como um todo, ou ainda, um aumento local na metaforicidade leva a um declínio global no nível de metaforicidade.

Acrescenta-se a esse referencial vinculado à GSF, questões atinentes aos estudos da tradução orientadas para a análise do processo tradutório, haja vista que este artigo se propõe a uma interface entre processo e produto tradutórios. Nesse sentido, são pesquisadas questões relativas à *durabilidade*:

resultado de um desempenho particular que aponta para um padrão de processamento e monitoramento da produção textual que pode ser, a partir de uma perspectiva metacognitiva, correlacionada com um monitoramento cognitivo e uma prática reflexiva (ALVES; GONÇALVES, 2007, p. 49; tradução dos autores).

O conceito de durabilidade foi desenvolvido em relação a tarefas tradutórias realizadas em condições experimentais, nas quais é registrado o processo de produção de um texto em tempo real por meio de técnicas de registro da tela visualizada pelos sujeitos (*screen-logging*) e de todos os movimentos de *mouse*, teclado e cursor (*keylogging*) realizados durante o processo tradutório. Durabilidade pressupõe a existência de padrões consistentes de processamento e monitoramento. Por extensão, esse conceito permite que se atribua a TCs o rótulo de mais ou menos duráveis, sendo um TC mais durável à medida que, ao final da fase de redação, apresente uma estrutura coesiva e níveis de coerência textual que o qualifiquem como produção textual adequada (ALVES, 2005).

Neste artigo, especificamente, a durabilidade é examinada em relação ao conhecimento domínio e ao conhecimento discursivo. O primeiro corresponde, segundo Scardamalia e Bereiter (1991), ao conhecimento que o indivíduo detém sobre um conteúdo ou campo específico de interesse ou de atuação, ao passo que o segundo se refere àquele conhecimento relativo a problemas de escrita do texto e se situa no espaço retórico.

Além disso, contribui para a análise da durabilidade no escopo deste artigo o estudo das fases do processo tradutório (JAKOBSEN, 2002), que se subdividem em três, a saber: (i) ori-

entação, (ii) redação e (iii) revisão. A primeira se inicia quando do primeiro contato do sujeito com o TP e termina com a digitação da primeira letra do TC. A segunda fase tem início com o término da fase de orientação e finda quando o sujeito digita o caractere do TC que corresponde ao último caractere do TP. A terceira fase, por sua vez, tem início quando do término da fase de redação e finda quando o sujeito dá sua tarefa por encerrada. Apesar dessa divisão, é possível encontrar orientação e revisão ao longo da fase de redação. Nesse caso, a orientação pode ser observada por meio de pausas que antecipam a tradução de um trecho do TP, e a revisão pode ser verificada por meio de pausas posteriores à tradução de um trecho do TP e do acionamento teclas de recursividade (*i.e.*, movimentos de teclado, cursor ou *mouse* que indicam a retomada de alguma porção já traduzida, como *delete* e *backspace*) (BUCHWEITZ; ALVES, 2006).

3. Metodologia

Neste artigo, enfocam-se o primeiro e o último complexo oracional, extraídos de duas introduções de artigo acadêmico (*i.e.*, uma sobre anemia falciforme, com nove complexos; e outra sobre doença de Chagas, com oito complexos ao todo)⁴ e de suas respectivas traduções para o inglês, produzidas pelo pesquisador experto na área da medicina destacado pelo trabalho de Silva e Pagano (2007). Os textos de partida foram selecionados por Silva e Pagano (2007) de uma base de dados de artigos indexados, e os textos de chegada, como já assinalado, foram coletados por meio de uma pesquisa empírico-experimental, descrita em Silva e Pagano (2007), com quatro sujeitos, tendo-se como objetivo principal verificar o impacto da variável independente *conhecimento de domínio* sobre o processo tradutório desses sujeitos. Na referida pesquisa, partiu-se do pressuposto de que os sujeitos, a despeito da falta de formação específica em tradução e de não se autodenominarem tradutores ou trabalharem profissionalmente como tais, eram capazes de realizar tarefas duráveis, haja vista que têm textos traduzidos por eles mesmos publicados em periódicos internacionais indexados (ainda que com possíveis alterações de revisores e de editores).

Como já foi também apontado, para efeitos deste artigo, apenas os dados de um dos sujeitos do experimento, S3 (experto em anemia falciforme), foram analisados, em razão do seu perfil destacado dos demais sujeitos do experimento em termos de maior *durabilidade* de suas tarefas tradutórias. O primeiro e o último complexos dos textos de partida foram alinhados com seus respectivos complexos oracionais encontrados nos textos de chegada de S3 concluídos após a fase de revisão. Concluído o alinhamento, foi analisado o componente lógico dos complexos oracionais, a saber: as relações de *taxe* (hipotaxe e parataxe) e de *encaixe*.

Em seguida, procedeu-se à análise dos elementos experienciais, tanto (i) na ordem do grupo (nominal, verbal, preposicionado, adverbial e conjuntivo, além de frases preposicionadas) quanto (ii) na ordem da oração. Apenas para os grupos nominais foram realizadas análises em nível de maior delicadeza (*i.e.*, identificando-se Entes, Epítetos, Numerativos, Classificadores, Dêiticos e Qualificadores), uma vez que é o único grupo para o qual se tem uma descrição

⁴ Esses textos não foram disponibilizados em anexo em razão das limitações de espaço. Entretanto, podem ser facilmente encontrados, respectivamente, em www.scielo.br/pdf/rbhh/v26n3/v26n3a08.pdf e www.scielo.br/pdf/rsbmt/v31n3/0588.pdf.

sistêmica na língua portuguesa (FIGUEREDO; PAGANO, 2007). Depois dessas análises, buscou-se identificar, a partir da ordem do grupo, os elementos realizados de forma análoga em ambas as línguas e aqueles que eram realizados de forma diferente ou em apenas uma das línguas – e sua respectiva função dentro de cada grupo (no TP e no texto de chega). Já na segunda análise (ordem da oração), foram identificados e classificados os participantes, os processos e as circunstâncias encontradas nos complexos oracionais dos textos de partida e em seus respectivos complexos oracionais dos textos de chegada. Novamente, os elementos correspondentes e não-correspondentes foram identificados, observando-se, desta vez, suas respectivas funções dentro de cada oração ou complexo oracional.

Todas essas análises foram realizadas por um pesquisador do LETRA e convalidadas por três outros pesquisadores do mesmo Laboratório. Elas estão dispostas em figuras contendo dois quadros (o superior se refere ao TP; e o inferior, ao TC), que apresentam as seguintes configurações das bordas:








| | Representação |
|---|----------------------------------|
|  | Limites dos complexos oracionais |
|  | Encaixes |
|  | Parataxes dentro de grupos |
|  | Parataxes dentro de orações |
|  | Hipotaxes |
|  | Grupos |

Figura 1 – Diagramação das bordas das figuras apresentadas na seção de análise dos dados

Os grupos estão separados por linhas verticais contínuas e simples, com exceção dos casos que se enquadram nas circunstâncias de encaixe ou taxe (dentro do grupo ou da oração). Dentro dos grupos, dois ou mais elementos constituintes são arrolados com sinal de adição – + – entre eles, sendo que esse sinal, diferentemente da convenção da GSF, não deve ser lido como representando relações lógico-semânticas de extensão. As linhas horizontais (–) estabelecem relações hierárquicas dentro de um mesmo grupo, de modo tal que os elementos incluídos nas linhas superiores são hierarquicamente superiores aos elementos presentes nas linhas inferiores (com exceção da última linha, em que se tem a porção do TP ou do TC a que cada análise se refere). As semi-retas saem de elementos dos textos de partida e vão em direção aos elementos correspondentes encontrados nos textos de chegada, havendo a possibilidade de chaves horizontais para casos em que vários elementos são incluídos em uma (ou nas duas) extremidades das semi-retas. Por fim, os quadros sombreados () se referem a elementos não-correspondentes (“empty links”⁵), isto é, um elemento identificado no TC que não é encontrado no TP, e vice-versa.

Complementando as análises dos produtos tradutórios obtidos logo após a fase de revisão, foram utilizados (i) os arquivos .log, produzidos pelo *software* Translog©, contendo todos os

⁵ Termo utilizado pelo projeto CroCo (HANSEN-SCHIRRA *et al.*, 2006). Refere-se a unidades do TC que não têm correspondentes no TP, e vice-versa.

movimentos de *mouse*, teclado e cursor acionados por S3 durante o processo de tradução das duas introduções e (ii) os relatos retrospectivos gerados por esse sujeito, no qual S3 fornece informações sobre procedimentos, reflexões e estratégias relativas à sua identificação de problemas, pausas e/ou tomadas de decisão. Em relação aos arquivos .log (que geram protocolos lineares contendo todas as pausas e movimentos de *mouse*, cursor e teclado realizados durante o processo tradutório), cumpre salientar que se buscou observar, em cada complexo oracional, (i) se houve pausas de orientação anterior ao acionamento da primeira tecla referente ao início de um complexo oracional do TP (identificadas por meio de asteriscos equivalentes a 5s); (ii) se as escolhas do sujeito se deram já na fase de redação ou advieram de sua revisão (recursividade); (iii) se as escolhas do sujeito corresponderam, por meio de uma análise das pausas iguais ou superiores a 5 segundos, a um possível problema de tradução. Já em relação aos relatos retrospectivos, quando existentes para os complexos oracionais estudados, buscou-se verificar em que medida a verbalização de S3 evidencia sinais de monitoramento do processo tradutório e conscientização a respeito da tomada de decisão feita em relação aos textos produzidos sob o condicionamento da existência de textos de partida com uma configuração lingüística específica.

4. Análise e discussão dos dados

4.1. A (re/des)metaforização na produção do texto sobre anemia falciforme

A análise de constituintes e classes do primeiro complexo oracional do TP e seu respectivo complexo oracional do TC é apresentada nas FIG. 2 e 3.

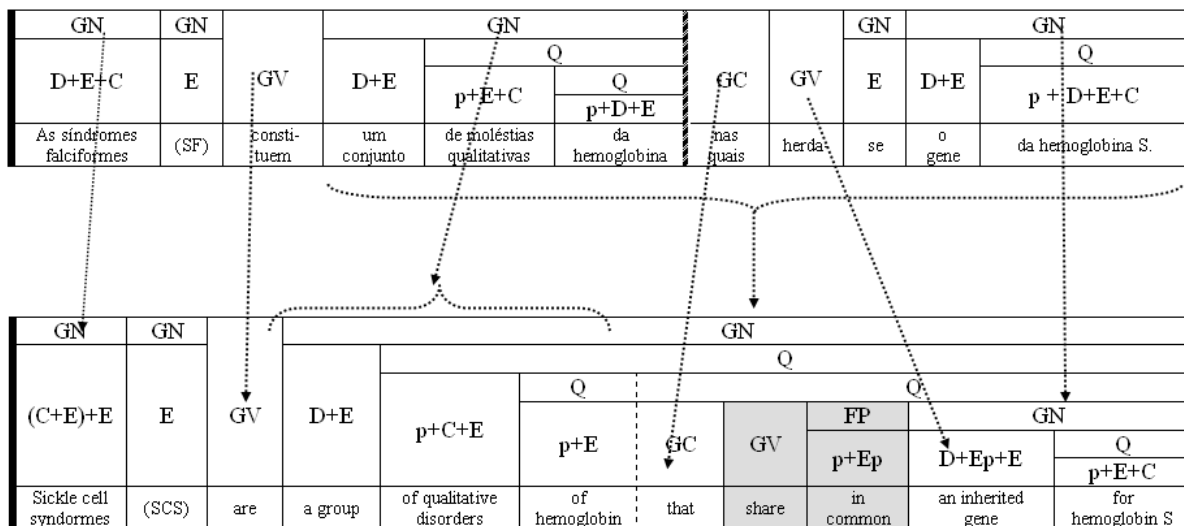


FIGURA 2 – Complexo 1 (C1) da introdução sobre anemia falciforme: análise experiencial da ordem do grupo

Nota: GC = Grupo Conjuntivo; GN=Grupo Nominal; GV= Grupo Verbal; C = Classificador; D = Dêitico; E = Ente; Ep = Epíteto; Q = Qualificador; p = preposição.

A FIG. 2 mostra a opção de S3 por textualizar a oração hipotática “nas quais herda-se o gene da hemoglobina S” como um Qualificador “that share in common an inherited gene for

hemoglobin S” de “a group of qualitative disorders of hemoglobin”. Verifica-se que o grupo verbal “herda” foi traduzido como Epíteto do grupo nominal encontrado dentro desse Qualificador e que há dois elementos não-correspondentes – “share” (GV) e “in common” (FP). Essa escolha envolve um nível de metaforização maior no TC (e, portanto, um caso de metaforização), uma vez que o processo “herda-se” é compactado dentro do Epíteto “inherited” e as síndromes, como a FIG. 3 a seguir mostra, não são mais uma circunstância de localização, mas passam a ser Portadoras de Atributos. Entretanto, cumpre frisar que essa metaforização é acompanhada por explicitação de outros elementos – “empty links” –, fenômeno bastante comum, apontado por Steiner (2004) e correlacionado pelo autor a características tipológicas das línguas. No caso do presente estudo, a escolha de S3 pode ser correlacionada, por um lado, a percepções do registro em língua inglesa, no qual processos relacionais e nominalizações são mais prototípicos do que orações nas quais os participantes estão evidenciados, como é o caso de “se” em “herda-se”. Também, como aponta Steiner (2004) no caso do alemão, pode-se tratar de uma percepção de maior nível de “personificação” em língua inglesa, que faz com que as síndromes possam ser Portadoras de Atributos através de processos relacionais tais como “share”. É interessante apontar que, para compactar algumas informações, o sujeito tem que descompactar outras.

A análise na ordem da oração presente na FIG. 3 mostra os impactos das mudanças nos grupos sobre os processos, participantes e circunstâncias.

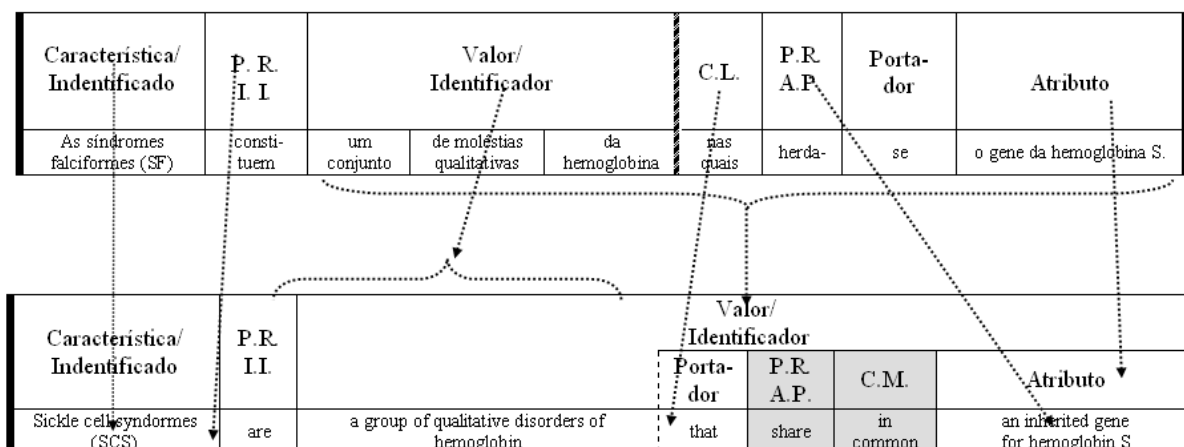


FIGURA 3 – Complexo 1 (C1) da introdução sobre anemia falciforme: análise experiencial da ordem da oração

Nota: P.R.A.P. = processo relacional atributivo possessivo; P.R.I.I. = processo relacional identificativo intensivo; C.L. = circunstância de localização; C.M. = circunstância de modo.

Em razão do encaixe, uma análise num nível menor de delicadeza mostra que o TC tem apenas dois participantes de um processo relacional identificativo intensivo – Característica/Identificador e Valor/Identificador –; ao passo que, além desses participantes, o TP tem, no mesmo nível de análise, dois participantes (Portador e Atributo) de um processo relacional atributivo possessivo e uma circunstância de localização. Em um nível de delicadeza maior, como já apontado acima, essa circunstância de localização é realizada, no TC, como um Portador de um processo relacional atributivo possessivo sem correspondente no TP, e o processo relacional “herda⁶” é realizado, no TC, como um Epíteto dentro do Atributo. Note-se que, para

6 Na falta de uma descrição do GV para o português, classificou-se o GV “herda-se” como um processo relacional atributivo possessivo a partir de sua forma agnata “o paciente herda”.

casos”: trata-se de (i) uma realização “muito fei[a]” e (ii) “intraduzível”. É importante apontar que a análise dos complexos oracionais desse sujeito revela que não houve omissão, tampouco que o segmento é “intraduzível”, haja vista a opção do sujeito pela introdução do Numerativo “several”. Cumpre frisar que esse tipo de comportamento revela *conhecimento discursivo* tácito, mas escassa metalinguagem, de certa maneira previsível no perfil de não-tradutor, e presença de julgamentos de valor em relação a especificidades da língua portuguesa.

4.2. A (re/des)metaforização na produção do texto sobre doença de Chagas

O primeiro complexo da introdução de artigo acadêmico sobre doença de Chagas com suas respectivas análises experienciais do grupo e da oração está representado nas FIG. 6 e 7, a seguir.

| | | | | | | | | | | | | | | | |
|-----------|------------|--------------------------|-------|-------|------------------------------------|--------|---------------|------|-----------------|---|-----------------------|-------|----------|------------|------------|
| FP | | GN | | | | | | | | | | GV | | | |
| p + D + E | Q | E + C | E | Q | | | | | | | | | | GA | estudados. |
| | p + E | | | GC | E + C + C | E | E + C | E | E | c | E + C + Ep | E | têm sido | | |
| Na doença | de Chagas, | eventos cardiovasculares | (ECV) | co-mo | taquicardia ventricular sustentada | (TVS), | morte súbita, | (MS) | tromboembolismo | e | morte cardíaca tardia | (MCT) | têm sido | amplamente | estudados. |

| | | | | | | | | | | | | | |
|-----------------------|-------|---------|-----------------------------------|--------|--------------|-------|------------------|-----|--------------------|-------|-----------|-------------|----------|
| GN | | | | | | | | | | | GV | | |
| C + E | E | Q | | | | | | | | | | GA | studied. |
| | | GC | C + C + E | E | C + E | E | E | c | Ep + C + E | E | have been | | |
| Cardiovascular events | (CVE) | such as | sustained ventricular tachycardia | (SVT), | sudden death | (SD), | thromboembolism, | and | late cardiac death | (LCD) | have been | extensively | studied. |

FIGURA 6 – Complexo 1 (C1) da introdução sobre doença de Chagas: análise experiencial da ordem do grupo

Nota: GA = Grupo Adverbial; GN=Grupo Nominal; GV= Grupo Verbal; FP = Frase Preposicionada; C = Classificador; D = Dêítico; E = Ente; Ep = Epíteto; Q = Qualificador; c = conjunção; p = preposição.

| | | | | | | | | | | | | | |
|------------------------------|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|----------|------------|------------|
| Circunstância de localização | Fenômeno | | | | | | | | | | P.Ment. | | |
| | eventos cardiovasculares (ECV) como taquicardia ventricular sustentada (TVS), morte súbita (MS), tromboembolismo e morte cardíaca tardia (MCT) | | | | | | | | | | têm sido | amplamente | estudados. |
| Na doença de Chagas, | | | | | | | | | | | têm sido | amplamente | estudados. |

| | | | | | | | | | | | | |
|---|--|--|--|--|--|--|--|--|--|-----------|-------------|---------|
| Fenômeno | | | | | | | | | | | P. Mental | |
| Cardiovascular events (CVE) such as sustained ventricular tachycardia (SVT), sudden death (SD), thromboembolism, and late cardiac death (LCD) | | | | | | | | | | have been | extensively | studied |

FIGURA 7 – Complexo 1 (C1) da introdução sobre doença de Chagas: análise experiencial da ordem da oração

Nota: P.Ment = processo mental; C.M. = circunstância de modo.

Com base nas FIG. 6 e 7, pode-se constatar que não houve nenhuma instância de (re/des) metaforização que pode ser identificada na realização do TC. Apenas se observa que o sujeito não textualiza a Frase Preposicionada “Na doença de Chagas”. Pode-se aventar a hipótese de que o sujeito fez essa opção porque o título “Serial electrophysiological studies of the cardiac

O último complexo da introdução sobre doença de Chagas apresenta duas instâncias de desmetaforização e uma metaforização. Uma desmetaforização consiste na opção do sujeito por traduzir o processo relacional atributivo possessivo “teve como objetivo” – forma mais metafórica para “objetivou” – pelo processo relacional identificativo intensivo “aims”. A outra desmetaforização é aquela oriunda da opção do sujeito por traduzir o Ente “comportamento”, que corresponde a uma nominalização, pelo Ente “aspects”. Já a metaforização consiste na opção do sujeito por traduzir o GV “seguidos” pelo Epíteto “observed” em “in these long-term observed patients”.

O protocolo linear e o relato retrospectivo mostram uma tentativa de desmetaforização no processo tradutório.

Protocolo linear:

***The present study aims studying the evolution of the heart in the cardiac conduction system through invasive catheterization by means of catheters of invasive EFS, the impact of heart abnormalities on the CVE, and the incidence of CVE in these patients who were followed up long term. Both observed.

Relato retrospectivo:

P1: O senhor parou muito tempo no *aims studying*. Teve alguma coisa em particular nessa parte?

S3: Não.

P1: Aqui: *were followed up*.

S3: Aí está errado. Eu vi que não ia ficar bom. [...] Aí, eu devia estar pensando em como eu reestruturaria a frase.

Como em todos os outros complexos oracionais, há pausas de orientação antes do acionamento da primeira tecla de produção referente a esse momento do TP. Observe-se que há poucos indícios de esforço cognitivo para a desmetaforização em “aims studying” (*i.e.*, apenas 5s de pausa), mas há considerável indício de esforço cognitivo para a metaforização em “observed”. Constata-se uma primeira tentativa de explicitar o processo e seus participantes em “who were followed up”, a qual é seguida de uma pausa de 20 segundos e de teclas de recursividade objetivando à textualização encontrada no produto final já analisado nas FIG. 8 e 9.

5. Considerações finais

Diferentemente das tendências apontadas por Hansen (2003), sobre a maior frequência de remetaforização no corpus por ela estudado, os resultados deste estudo evidenciam maior frequência de instâncias de metaforização. No entanto, cumpre salientar que se trata de uma

pesquisa com um número pequeno de textos e que não foi feito um estudo de corpora comparáveis para se aferir em que medida introduções de artigos acadêmicos em português são mais ou menos metafóricas que introduções em inglês. Além disso, as análises experienciais da ordem do grupo e da ordem da oração apresentadas para o primeiro e o último complexo oracional apresentadas neste artigo apontam a (re/des)metaforização ao longo do processo tradutório como fenômeno bastante profícuo para se compreender estratégias e movimentos realizados por um tradutor ao longo da realização de uma tarefa tradutória. Pode-se aventar a hipótese de que a (re/des)metaforização está correlacionada com o *conhecimento de domínio*. Em outras palavras, algumas estratégias de metaforização ou desmetaforização observadas nos dados analisados parecem ter sido motivadas (ou possíveis) em razão do *conhecimento de domínio* de S3, que parece realizar escolhas bem sucedidas de “quais” informações descompactar e “como” descompactá-las. Além disso, cumpre salientar que o *conhecimento discursivo* de S3 possivelmente opera em conjunto com seu *conhecimento de domínio*, uma vez que muitas de suas escolhas – que conferem alto grau de *durabilidade* à tarefa tradutória (analisadas na íntegra em Silva e Pagano [2007]) – só são possíveis em virtude de um elevado conhecimento dos sistemas das duas línguas de trabalho que lhe permitiu realizar tarefas de tradução duráveis nas duas condições experimentais. Em outras palavras, S3 apresentou textos de chegada com traços prototípicos do registro acadêmico em ambas as tarefas, de modo que a justificativa para seu sucesso em ambas as tarefas tradutórias parece residir em seu alto *conhecimento discursivo*. Seria interessante, em pesquisas futuras, verificar como tradutores (expertos e novatos) são capazes de lidar com problemas no espaço do conteúdo ao traduzirem esses mesmos textos e se (e como) são capazes de descompactar e compactar as informações do TP.

Referências

- ALVES, F. Ritmo cognitivo, meta-função e experiência. In: ALVES, F.; MAGALHÃES, C.; PAGANO, A. (Org.). *Competência em tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte: UFMG, 2005a. p. 109-169.
- _____. Unidades de tradução: o que são e como operá-las. In: ALVES, F.; MAGALHÃES, C.; PAGANO, A.. *Traduzir com autonomia*. São Paulo: Contexto, 2000b. p. 29-38.
- ALVES, F.; GONÇALVES, J. Modelling translator's competence. In: GAMBIER, Y.; SCHLESINGER, M.; STOLZE, R. (Ed.). *Translation Studies: doubts and directions*. Amsterdam: John Benjamins, 2007. p. 41-55.
- BUCHWEITZ, A.; ALVES, F. *Cognitive adaptation in translation* *Letras de hoje*, v. 41, n. 2, p. 241-272, jun. 2006.
- HALLIDAY, M. Language theory and translation practice. *Revista internazionale di tecnica della traduzione*, n. 0, p. 15-25, 1992.
- HALLIDAY, M.; MATTHIESSEN, C. *An introduction to functional grammar*. 3. ed. Londres: Edward Arnold, 2004a.
- _____. *Construing experience through meaning: a language-based approach to cognition*. Londres: Continuum, 1999b.
- HANSEN, S. *The nature of translated text*. Saarbrücken: Language Technology Lab, 2003.
- HANSEN-SCHIRRA, S.; NEUMANN, S.; VELA, M. Multi-dimensional annotation and alignment in an English-German translation corpus. In: EACL WORKSHOP “MULTI-DIMENSIONAL MARKUP IN NATURAL LANGUAGE PROCESSING”. *Proceedings...* Trento: [s.e.], 2006, p. 35-42.

- JAKOBSEN, A. L. Translation drafting by professional translators and by translation students. In: HANSEN, G. (Ed.). *Empirical translation studies: process and product*. Copenhagen: Samfundslitteratur, 2002. p. 191-204
- SILVA, I.; PAGANO, A. Conhecimento experto em tradução: aferição da durabilidade de tarefas tradutórias realizadas por sujeitos não-tradutores em condições empírico-experimentais. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – FALE/UFMG, Belo Horizonte, 2007.
- STEINER, E. Translations English – German: investigating the relative importance of systemic contrasts and of the text-type “translation”. In: SYMPOSIUM ON INFORMATION STRUCTURE IN A CROSS-LINGUISTIC PERSPECTIVE, 2000, Oslo. *Proceedings...* Oslo: Norwegian Academy of Science and Letters, 2001a, p. 1-49.
- _____. Intralingual and interlingual versions of a text. In: STEINER, E.; YALLOP, C. (Ed.). *Exploring translation and multilingual text production*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2001b. p. 161-190.
- _____. Ideational grammatical metaphor: exploring some implications for the overall model. *International Journal for Contrastive Linguistics*, v. 4, n. 1, p. 137-164, 2004a.
- VASCONCELLOS, S. M. R.; SORENSON, M. M.; LETA, J. Scientist-friendly policies for non-native English-speaking authors: timely and welcome. *Brazilian Journal of Medical and Biological Research*, v. 40, p. 743-747, 2007.

